

# TRIBUNA Livre

31  
MAIO  
1958

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRETOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

SECRETARIA: JOÃO BARBOSA DE MACEDO

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

Composição, Impressão e Redacção: LARGO DR. OLIVEIRA SALAZAR - TEL. 62113 - AMARES

## Carência de Virilidade

Por EME

Não chegamos a compreender, ainda, a conhecida expressão do Candidato Independente à Presidência da República, com que acusou o Senhor Presidente do Conselho de ter feito perder a virilidade à Nação, ao abusar do remédio para a cura.

Em resposta ao entrevistador de "O Século Ilustrado", que lhe observou:—"Mas, a obra realizada, o progresso..." —emprega o seguinte subterfúgio, em tom "irónico":

— "Já não me enganam hoje sobre economia. Sabe? Há dois anos segui um curso de economia na American University Washington, D. C. Percebo o suficiente de problemas económicos para não me deixar fascinar por miragens..."

E nada mais a este respeito, de suma importância para a sua candidatura. Deixou o seu pensamento incompleto, a esboçar-se em reticências, quando deveria, precisamente nesta altura, mostrar a sua formação de economista, visto que pretendia contratar a obra de um conhecido economista, de reputação mundial.

Já havia sido abordado na célebre "Comitência de «O Chave de Ouro» pelo enviado de «O Debate», sobre idêntico assunto, e respondeu apenas: — "É evidente que se deve ao Dr. Salazar um trabalho interessante de arrumação das finanças portuguesas, nos primeiros anos do exercício do cargo de Ministro das Finanças. Mas, como Chefe do Governo nunca evoluiu; e, como economista, está absolutamente obsoleto."

Nada mais saiu e, cremos não sairá, da sua apurada sabedoria económica importada dos Estados Unidos, país, aliás, onde não se encontrou, apesar de tudo, viabilidade para a colocação de 6 milhões de desempregados (quase a população de Portugal Continental), ao que se contrapõe apenas medidas de carácter financeiro que podem ser suportadas pelo Estado, mais rico do Mundo, continuando sem solução económica.

Pelo menos, entre nós, tem-se remediado esta perigosa situação, embora o Senhor Presidente do Conselho, no dizer de S. Ex.ª, abuse do remédio para a cura.

Abordamos este tema porque nos parece da maior importância na formação da opinião pública, por mais que sobre ele se diga.

(Continua na 4.ª página)

## JANELAS E SACADAS FLORIDAS

Seria de óptimo efeito que se florissessem as sacadas para as próximas Festas da Vila, hábito que devia generalizar-se entre nós, como acontece em algumas terras em que os habitantes primam pelo bom gosto. De futuro, se valer a pena, poderão as Comissão de Festas promover o «Concurso da Sacada Florida», iniciativa que muito seria de louvar e que já não é novidade noutras localidades.

## O MOMENTO POLÍTICO «GRANDE CANDIDATO»

Por LUIS SEBASTIÃO PERES

«A NAÇÃO, com oito séculos de História e uma experiência longa, não pode correr para o precipício.

Só tem um desejo: prosseguir na jornada sejam quais forem os perigos».

(Disse o Sr. Dr. Trigo de Negreiros, numa sessão em Braga)

## Homilia de S. Ex.ª o Senhor ARCEBISPO PRIMAZ

### Nas Comemorações do 28 de Maio em Braga

— Trazemos às nossas colunas esta substancial oração que serve para retemperar as almas neste momento em que um nervosismo político agita os corações e os cérebros.

A palavra serena da Igreja foi sempre um refrigerio salutar nas pugnas da vida e de importância tanto maior, quanto maior é também o valor da refrega.

Não se esqueça portanto o que significa a presença da Igreja em Portugal; não o esqueçam, em especial os católicos!

« Senhor Ministro da Defesa Nacional; Ex.ªs Autoridades; Senhores Oficiais; Soldados e Legionários:

Refere-se S. Lucas, no capítulo III do seu Evangelho, que, um dia se aproximaram do precursor de Cristo, João Baptista, alguns soldados e legionários de Israel e o interrogaram deste geito: «E nós que faremos? . . . Teremos que despir esta farda e de depor estas armas para sermos teus discípulos e daquele que nos pregas — Jesus Cristo?». João Baptista encarou-os, demoradamente, leu-lhes nos olhos as intenções íntimas da alma e respondeu-lhes, como mais tarde

(Continua na 3.ª página)

(Continua na 3.ª pág.)

## ENTRE-HOMEM E CÁVADO

### MONOGRAFIA DE AMARES E DA TERRA DE BOURO

Por DOMINGOS M. DA SILVA

Com este título vai sair do prelo o 1.º volume de um trabalho que vem a compendiar-se desde a primeira hora que nestas colunas se prometeu pôr em obra a história desta im-

portantíssima região, sem desprezo das raízes e dos tentáculos que no decurso dos tempos a prenderam a lugares fronteiros e uma e outra vez dilatada, por força das circunstâncias, à história comum dos povos.

Se, pela natural configuração geográfica, foi a primitiva feição dos seus habitantes a da independência e do isolamento, jamais e em parte alguma se viu, co. o aqui, e por tão curiosa contradição, de tão cedo perturbada a sua tranquilidade, cortada de ponta a ponta pela mais importante e frequentada via que então a

(Continua na 4.ª página)

## Assembleias de Voto

- 1.ª — AMARÉS: Amares, Dornelas, Figueiredo e P. Secas.
- 2.ª — BOURU S.ta MARTA: S.ta Marta, Bouru e Goães.
- 3.ª — CALDELAS: Caidelas, Paranhos, Portela e Sequeiros.
- 4.ª — FERREIROS: Ferreiros, Besteiros, Caires e Prozêlo.
- 5.ª — FISCAL: Fiscal e Torre.
- 6.ª — RENDUFE: Barreiros, Bicco, Carrazedo e Lago.
- 7.ª — VILELA: Vilela e Seramil.

## MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARÉS

Por Domingos M. da Silva

(Continuação do número anterior)

E, no sítio onde cruza com a estrada do Gerês, restam de pé e em ruínas, as paredes de duas pequenas ermidas quadrangulares: a de N. Senhora de Lourdes ardeu por volta de 1920, o incêndio provocado por uma vela a arder espetada na cortiça; na do Senhor dos Passos ruiu o telhado pelo ano de 1930 e a imagem transferiu-se para a matriz.

Ambas tinham sido edificadas por iniciativa da Casa do Vilar.

\* \* \*

Ao tratar desta colação e da sua confinante Dornelas, as Inquirições de 1258 põem em evidência certos desmandos e irregularidades de uns indivíduos do apelido de «Murra» — família que por isso mesmo certamente caiu em decadência ou desapareceu.

(Continua na 4.ª página)

## ALBUM DE COISAS VÁRIAS Ranchos e Tocatas

Por JOAQUIM MONTEIRO (JORGE)

Pelo que temos lido cá na Tribuna Livre hemos de concluir que se está a tomar a sério a organização das festividades, na vila, a Santo António. Assim, no número de há oito dias dá-se conta, com o devido relevo, que nas deste ano aparecerão os grupos folclóricos, para o que a respectiva Comissão se empenhará no sentido de cada freguesia apresentar em desfile o seu Rancho ou Tocata.

Ora aqui está uma coisa que eu acho muitíssimo bem e que sinceramente aplaudo, pois que

o nosso povo precisa destes espectáculos de expansão regionalista, sem se sentir maçado com os requintes babosos dos intelectuais. Sim, porque agora o folclore entrou a fazer parte de certames de elevado cunho mundano. É chique.

Eu sou pelo folclore do povo para o povo, na liberdade das suas exteriorizações naturais, quer na dança, quer na canção, quer no traje, ou nas atitudes, ou no linguajar. Sou, pois, contrário

(Continua na 3.ª página)

(Continua na 3.ª pág.)

# Comunicado da Comissão Distrital da U. N.

## BRAGA

### CAIU A MÁSCARA

O General Humberto Delgado, o colosso da clarividência, o génio das sínteses, que com duas penadas de béisbol ou duas baforadas de ódio tem a pretensão de aniquilar a grandeza mundialmente reconhecida de SALAZAR, um dos maiores estadistas de sempre, certamente para se alcandorar à glória de salvador da Pátria, entrou na efervescência do delírio subsequente à descoberta da sua vocação messiânica: Foi o resultado da recepção que lhe fizeram no Porto. Expliquemos:

Aquela multidão que seus olhos contemplaram, embevecidos e delirantes, constituída por devotos, curiosos, indiferentes, discordantes e desafectos (de tudo!) e pelo bom povo, cavalheiresco, dum cidade hospitaleira que sabe receber, concorde ou não com as ideias do visitante, multidão quase tão grande como a que aguardava o Gungunhana quando chegou a Lisboa e certamente um pouco maior que a que costuma receber um treinador de futebol, essa multidão esquentou as neurones do Sr. General, que logo passou a considerar-se chefe, «fuherer» dum povo que o idolatrava, enfim, um herói popular.

É certo que o ilustre Candidato deve ter mudado de ideias quando em Vila do Conde e na Póvoa de Varzim, com bem mal disfarçado desapontamento, foi recebido com vivas a Salazar (será verdade, Sr. General, que não pôde conter-se e respondeu com um «morra» muito patriótico e cristão?) É inconcebível!

É certo que além dum caras já conhecidas de outras similares propagandas e dos profissionais da maledicência e do derrotismo (que os há desde a primeira hora), o séquito do General Delgado é constituído por despeitados e insatisfeitos bem pouco fortes em lógica para os quais o Estado Novo é o único culpado de todos os males da época, dos reais e dos imaginários. Os quais, aliás, bem sabem que nada têm a esperar das inflamadas arengas do seu incontinido e exibicionista caudilho, que nada lhes pode garantir além da prometida didatura militar. (Que programa aliciante para os que andam a cansar os gorgomilos com vivas à liberdade!)

O que certamente ninguém esperava, incluindo a heterogénea claqué do Candidato Independente (!) é que tão cedo viessem a frutificar e descatos graves, em arruaças de autêntico demagogismo, em atentados à ordem e à segurança, os métodos de proganda seguidos pelos candidatos antisalazaristas,

O Dr. Arlindo Vicente, menos original mas mais ambicioso, pois deseja nada menos que a subversão da Constituição com uma fundamental reforma da mentalidade política nacional, ao ponto de nela caber os que põem reservas a respeito da conservação da Índia (traidores!) e os que submetem mediante o partido comunista, os problemas nacionais à Internacional moscovita (vendilhões da Pátria!), o Dr. Arlindo Vicente lá vem batendo a tecla tão coçada da miséria, da fome e do terror, a ver se impressiona o estrangeiro já que o nacional se não deixa engodar por «slogans» cediços e estúpidos.

Faça o Candidato um acto de fé na independência, na integridade e na eternidade da Pátria, em vez de pretender abrir-lhe a porta da desonra e da traição, a que em nome da «sua» democracia foram já arrastadas tantas nações que o partido comunista enxovalha ou a pata russa esmaga.

Portugal livre e cristão não tolerará essa ignomínia histórica.

Por sua vez, o candidato Humberto Delgado, mais des-temperado nos seus ímpetos comiceiros e mais cauteloso dos deslizes ideológicos, com mão estendida a todas as facções e a todos os gostos, serve-se de outra técnica: aproveita a sua condição de dissidente para zaragunchar a situação política a quem deve o prestígio que possui e ao serviço da qual ocupou os cargos que o tornaram conhecido. Não atende ao que o facto implica de deselegância, de deslealdade, de ingratitude e injustiça. Assomadiço como é, interessa-lhe mais a propaganda da candidatura do que a defesa da dignidade ou da coerência. O passado renegado; os antigos chefes atraíção-os.

E tudo isto para que? Para impressionar a claqué. O que interessa é acaudilhar os descontentes e eventuais, impressionar a multidão, provocar movimentos colectivos emocionais, polarizar simpatias mesmo injustificáveis ou degradantes...

E tudo isto para esconder a vacuidade de ideias, a falta dum programa construtivo e a incerteza a que arrastaria o País se este se deixasse enlevar nas cantilenas mais ou menos demagógicas.

É mesmo assim que se prepara o estado de exaltação da rua, que leva à desordem, ao desacato à disciplina, à revolta, aos vidros partidos, aos tiros...

Aí tem a sua obra, Sr. General!

## A Defesa Civil e a hora que passa

### A organização territorial

Entende-se por *organização territorial* a implantação, no território nacional, dos comandos, órgãos e serviços de estrutura e da manutenção da Defesa Civil do Território, com vista a fazer face aos acidentes que ocorrem no País.

A Organização Territorial corresponde, além da estrutura geral de comando e administração, segundo processo escalar ou hierárquico, os ramos funcionais respeitantes à obtenção, preparação e manutenção de meios humanos e materiais e ao aprovisionamento dos recursos a empregar pelos executantes das operações.

*Escalonamento hierárquico em base territorial* — A organização dos Comandos e dos recursos de estrutura e manutenção em escala hierárquica deve efectuar-se em base territorial e de acordo com os princípios que seguem:

1.º — *Princípio da Auto-Protecção*: Todo o indivíduo, toda a família, toda a comunidade ou aglomerado onde estejam reunidas pessoas que vivem em comum, — estabelecimento, fábrica, aldeia, vila, cidade, etc. — deve esforçar-se por prover à sua

Auto-protecção, estruturar o seu sistema interno de defesa, seu abrigo, etc.

Sem esta participação, de cada indivíduo e de cada aglomerado, dirigida à defesa própria, não há defesa civil possível.

Do princípio resulta o dever de todo o estabelecimento ou empresa, comercial, industrial ou doutra qualquer actividade, particular ou do Estado, organizar a sua defesa própria contra acidentes.

### Se não sabe aprenda com a defesa civil

Qual o primeiro socorro a prestar a um sinistrado no estado de choque; — 1.º — Deitar o sinistrado com a cabeça baixa, deixando ficar os membros inferiores em nível mais elevado. Voltar a cabeça de lado, especialmente se houver vômitos. Colocar o sinistrado em posição correcta e cómoda para evitar ou diminuir as dores.

2.º — Parar as hemorragias visíveis. Colocar os pensos provisórios.

3.º — Desapertar a roupa do pescoço, peito e cintura.

Assegurar a livre circulação do ar.

4.º — Abrigar a vítima com mantas ou abafos e, em tempo frio, aquecê-las moderadamente com botijas ou garrafas de

## Tribuna Desportiva

### 1.ª Mão do Jogo de Passagem

#### O V. de Guimarães venceu o Salgueiros por 2-1

Efectuou-se no campo Engenheiro Vidal Pinheiro a primeira mão do jogo de passagem entre o Salgueiros V. de Guimarães, tendo o grupo de Guimarães vencido merecidamente por 2-1. Com este precioso resultado obtido, os vimezanenses colocaram-se em boa posição para subirem à divisão de honra do futebol português.

Esta magnífica vitória conseguida no campo do adversário, merece especial referência e mostra claramente o empenho posto na luta pelo grupo minhoto, que foi para o campo com a ideia firme de vencer, lutando até ao limite das suas forças.

Este desfecho surpreendeu muitos desportistas que acompanham estas andanças do futebol, que, como nós, teriam prognosticado uma vitória para os encarnados do Norte.

Não há dúvida, que este actuando no seu ambiente e com o apoio do seu público,

tinham a faca e o queijo na mão, acabando por consentir que os vimezanenses o partissem.

O Salgueiros viu afectada a sua posição e dificilmente obrigará o adversário a terceiro jogo. Não é impossível, até porque já vimos proesas de mais vulto, mas vencer o V. de Guimarães na Amorosa é sempre uma nota sensacional difícil de conseguir.

Não queremos dizer com isto que não possa acontecer assim, como os minhotos conseguiram vencer no Porto, mas as possibilidades são poucas, pois os Vimezanenses apenas lhe basta um empate para subirem à primeira divisão.

Em futebol tudo é possível, e é talvez a única esperança que resta na gente salgueirista. Vontade, brio, classe e alma salgueirista não faltará aos rapazes do Porto, para discutir esta última possibilidade.

Enquanto há vida há esperança...

## TAÇA DE PORTUGAL

Realizou-se no passado domingo a 1.ª eliminatória das segundas meias finais da Taça de Portugal, com vitórias folgadas do F. C. do Porto e Benfica sobre os grupos representantes do Ultramar.

Tal como prevíamos, teremos uma final Benfica-F. C. do Porto que entre si irão discutir a conquista deste valioso Trofeu Nacional.

Os grupos ultramarinos, principalmente o adversário do F. C. do Porto, deram réplica admirável, mostrando-se no entanto não fisicamente preparados para jogar desta envergadura.

Na nossa opinião, as equipas ultramarinas deveriam ser incluídas na prova mais cedo, de-  
frontando possivelmente

adversários da mesma categoria, com possibilidades de vencer, estando desta maneira melhor preparados para de-  
frontar equipas mais pesadas que lhe viessem a caber ao sorteio mais tarde. Saliente-se como exemplo o caso do F. C. do Porto-Desportivo.

Os Laurentinos só cederam a 8 minutos do final, consentindo neste pequeno período nada menos de 4 golos e saindo do campo com a máscara de fadiga estampada no rosto.

Esperemos que no próximo ano os clubes de além-mar participem na prova nas primeiras eliminatórias.

M. Janela

### A defesa civil espera-vos:

Em Portugal a Paz o sossego são uma realidade. Mas a desordem e a incerteza do amanhã oprime os povos do Mundo livre.

A defesa das populações não pode ficar exclusivamente a cargo dos Governos. É necessário que as populações se compenetrem desta verdade, que se unam numa cruzada humanitária, para se defenderem o salvarem o seu semelhante.

O Mundo Ocidental está em perigo, só uma união forte será capaz de opôr um dique aos distúrbios e à subversão de princípios.

Inscreevi-vos na Defesa Civil do Território, onde não há partidos e onde todos se irmanam no bem comum.

A Defesa Civil, espera-vos

água quente, evitando sempre o contacto directo com a pele.

5.º — Dar bebidas quentes (chá ou café com açúcar) quando o sinistrado estiver consciente e possa engulir. É aconselhável o uso da seguinte bebida (líquido contra o choque):

Água simples, litro.

Sal das cosinhas, 1 colher de chá.

Bicarbonato de sódio, 1/2 colher de chá.

Não dar líquidos a beber quando haja feridas abdominais ou da parte inferior do tórax. Nunca dar bebidas alcoólicas.

6.º — Tranquilizar e encorajar a vítima, de forma a manter-lhe o moral elevado.

7.º — Proceder às manobras de levantamento e transporte com o maior cuidado.

# TRIBUNA do CONCILHO

## Album de coisas várias

(Continuação da 1.ª página)

a teatrealização do folclore geralmente interpretado, nos nossos dias, pelas meninas e os meninos da moda das nossas cidades ou vilas, assim como sou contra a interpretação do Fado por uma fulana vestindo pela linha saco ou por um fulano de casaca num ambiente encastado de candelabros brilhantes e sofás de armínio.

Um passeiozito, com tempo e pachorra, por diversos recantos do nosso Portugal solarengo e calmo, dar-nos-á o panorama real dum folclore cheio de surpresas que não encontraremos, nem sentiremos, nos certames mais grandiloquentes que se possam organizar algum dia.

De qualquer maneira, com Ranchos e Tocatas ou sem eles, as festas a Santo António, um dos santos mais queridos e da devoção do nosso povo, em Amarej, prometem, este ano, dar que falar. Isto é o que interessa porque, afinal de contas, o que todos nós desejamos é divertir-nos, pondo de parte os sérios problemas de vida, ou seja: as contas da mercearia e a renda da casa!

O que seria a vida sem uma festazinha ou um arraialzinho? Uma coisa carrancuda, sorumbática, inapetecível, sem sabor. Eu gosto muito de festas e não as escolho. Qualquer uma me serve. Gosto dos foguetes, dos pum pum dos Lés Pereiras, dos carroceis, das barracas de

## MELHORAMENTOS

Decorrem com toda a rapidez as obras de construção de instalações sanitárias subterrâneas, no Largo do Doutor Oliveira Salazar, desta Vila, que depois de laboriosas diligências que já vinham da anterior Presidência da Câmara, lhe chegou a vez.

Valeu a pena esperar por quem soubesse compreender e acarínhar as iniciativas e que vai repondo as coisas no seu devido lugar, com aquela dose de prudência que o erário municipal exige, mas com a justa medida que as necessidades mais urgentes exigem.

E a obra a que nos referimos era, sem dúvida, uma daquelas que se impunha ao decoro e à higiene da Vila.

Está, pois, de parabéns a Feira Nova e o Senhor Presidente da Câmara Municipal, a quem se deve já uma série de medidas que impõem a sua magistratura.

tiro e dos altifalantes com os seus discos de sempre, etc.

Há tanta coisa a ver numa festa a S. to António, ou a S. João, ou a S. Malaquias, que é duma pessoa julgar que vive eternamente em festa! E depois o povo é alegre, galho-feiro, mesmo quando joga à paulada ou ao tabefe!

Este ano tenciono ir às festas de Amarej. Mas não quero que me recebam com discursos onde se fale das minhas virtudes e das minhas qualidades, porque pode aparecer algum tolo que me queira eleger o «rei» da alegria e da paródia, o que é sempre perigoso dado que, nestas coisas de eleições, há sempre quem seja contra a vontade de uma voz saída do povo, e podem para aí architectar uma companha que, à boca cheia, prove que eu sou mas é um grande triston e abominador de paródias! Eu não quero que me atirem às feras, amigos. Eu quero sómente ir aí divertir-me, beber do melhor pipo do sitio, e ver os Ranchos ou Tocatas das freguesias da Vila.

Acham bem?

Joaquim Monteiro (Jorge)

## Caires

Caído de um valado

Foi conduzido ao Hospital de S. Marcos onde ficou internado na enfermaria n.º 10, o menor Aparício Tinôco Antunes de Almeida, filho de José Almeida e de Angelina de Jesus Tinôco, residente no lugar de Caziulhado, desta freguesia, com fractura do braço direito, por ter caído de um valado.

## Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:  
Amanhã, o sr. Manuel Teixeira, actualmente no Canadá.  
Segunda-feira — O sr. Carlos Augusto Martins.  
Terça-feira — A menina Maria Isabel de Jesus Gonçalves.  
Quinta-feira — O sr. José Eduardo Macedo Gonçalves.

Lêde e assinai  
«Tribuna Livre»

## Homilia de Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor Arcebispo Primás

(Continuação da 1.ª página)

S. to Agostinho diria ao Bonifácio: «Não é a milícia que impede a virtude, mas sim a malícia». Por isso colocaí acima de tudo a glória de Deus e os interesses espirituais das vossas almas; «não exerçais violência para com ninguém»; defendei os interesses comuns; obedeci às ordens dos vossos Chefes; sêde corajosos nas conjuturas difíceis da vossa vida; guiai-vos sempre pelos princípios luminosos da verdade e da justiça; ambiçionai apenas, como recompensa das vossas lutas e sacrificios, a satisfação íntima do dever cumprido, e sereis bons soldados e legionários.

Ao dobrar o 32.º aniversário do 28 de Maio de 1926 também vós perguntareis: Quid faciemus et nos?... E nós que faremos?... Para que viemos aqui substituir as armas pela oração, neste momento solene e comemorativo?... Levantai os olhos e vede: A presença deste altar, onde se está a celebrar o Santo Sacrifício; a presença desta imagem sangrante de Cristo crucificado; a presença desta Bandeira Nacional; e a vossa presença nesta parada grandiosa marcam bem o caminho a seguir, em todas as horas incertas, ou vicissitudes da história, por soldados e legionários de Portugal.

Este altar recorda-nos Deus e a sua soberania universal, a nossa fé e os destinos imortais de nossa Pátria.

Aquela crucifixo consubstancia as glórias maiores e sobreeleva os feitos mais heróicos de Portugal. Na memorável exposição do Mundo Português organizada na Capital do Império em 1940 destacava-se uma cruz negra, despida do Crucificado, e apoiada nesta legenda significativa: «Portugal foi sempre cristão»... Era o compêndio admirável da nossa epopeia nacional de aquém e além mar. Era Portugal que nascia em Ourique, que se consolidava em Aljubarrota, que ressurgia em 1640 e que retomava rumos novos em 1926. Outra cruz foi, há pouco, colocada religiosamente no Mosteiro Nacional da Batalha pelos soldados com os seus Chetes à frente. E neste está a imagem do Divino Crucificado que serviu de parapeto aos soldados da Flandes, que recebeu em si as granadas que os não feriram, e vela o sono eterno dos que tombaram gloriosamente a seus pés...

Outra cruz se levanta neste campo, para que vós ouçais as palavras do Divino Crucificado, nesta hora conturbada da vida contemporânea. Daquela cruz Cristo continua a falar, como no Calvário.

Sobre as almas dos militares e civis que fizeram a arrancada gloriosa do 28 de Maio e hoje não compareceram nesta concentração, comemorativa, e que talvez se depurem no Purgatório, das poeiras recebidas nas jornadas da vida, ou saldem à divina Justiça o último ceitil da dívida contraída pelos seus pecados, o Divino Crucificado deixa cair a palavra da remissão e da indulgência plenária. «Hoje mesmo ireis comigo para o Céu».

Neste ano centenário das aparições de Lourdes, o Divino Crucificado proclama novamente a maternidade espiritual de Maria. — «Eis aí a tua Mãe» — e recorda aos portugueses que o 28 de Maio, hoje comemorado, se fez sob os olhares maternais de Nossa Senhora do Sameiro, e que a Imaculada Conceição continuará a velar por Portugal, como Mãe carinhosa e Padroeira desvelada...

Daquela Cruz o Divino Crucificado olha para os indiferentes, para os blasfemos, e até para os anti-teístas, se alguns há em Portugal, e reza ao Pai, desculpando-os misericordiosamente: «Pai, perdoai-lhes, não sabem o que fazem».

Daquela Cruz o Divino Padecente, vaiado pelos sarcasmos e irreverências de tantos maus cristãos, roga-nos uma gota de bálsamo reconfortante: «Sitio»... Tenho uma sede devoradora! Sede de quê, Senhor?... Ut sint unum... Que entre os portugueses se acabem as dissensões e todos se unam no mesmo espírito de compreensão, de justiça, de paz e de caridade...

A Bandeira Nacional, ontem enxovalhada e hoje gloriosamente flutuante, recorda-nos a história quase lendária de Portugal com os seus heróis, como D. Afonso Henriques, D. João IV, Vasco da Gama, Álvares Cabral, Afonso de Albuquerque, e os seus Santos, como Santa Isabel, António de Lisboa, Nuno Álvares Pereira, João de Deus e João de Brito, que serão modelos sempre acabados de patriotismo ardente e fé luminosa a seguir e a imitar por todos portugueses.

A vossa presença aqui é

afirmação dasassombrada da vossa fé, a garantia segura de que em todos os momentos difíceis sabereis amar e defender Portugal, a integridade do seu território, as suas tradições históricas e religiosas, e a prova cabal de que a carreira das armas não é incompatível com a Relegião. Já em 1828, no campo de Lunéville o velho Marechal de França, príncipe de Hohenlohe, dizia: «Tomei parte em 84 batalhas, tendo o peito constelado de condecorações bem merecidas pelo meu esforço militar, mas quebraria a minha espada e abandonaria a carreira das armas se ela fosse incompatível com a minha fé e com a Relegião de Jesus Cristo.» Não haja dúvida alguma. Os melhores cristãos são sempre os melhores soldados. Todos os grandes homens da antiguidade e todos os doutores da Igreja são unânimes em afirmar que na hora da luta, o que mais teme a Deus, é o que menos teme os homens... Assim o compreenderam todos os grandes chefes militares nacionais que, como Nuno Álvares, inclinaram sempre as suas espadas gloriosas diante da Cruz de Cristo, ao qual atribuíram os seus triunfos maiores. E assim se imortalizaram nas páginas agradecidas da história e entraram na imortalidade do Céu».

## HUMORISMO

A meias

— Em minha casa tomamos sempre metade vinho, metade água.

— Caramba! Deitas assim tanta água vinho?

— Não, homem. É que eu só tomo vinho e a minha mulher só bebe água.

Um comerciante dá a provar aos amigos um vinho da sua lavra

— Que tal lhes parece este vinho?

— Não é mau, mas já o tínhamos provado...

— Onde?!

— Na salada!

Na taberna

— Isto é espantoso!

— Que te aconteceu?

— Quando bebo, toda a gente o sabe... e quando tenho sede... ninguém dá por isso!...

Uma coisa difícil:

Plantar cebolas num quintal... de bacalhau.

# Carência de Virilidade

(Continuação da 1.ª página)

A Oposição pretende fazer crer, não só por boca do seu Maioral, mas por intermédio de outros fabricantes de sofismas, que Salazar não tem dotes de economista, embora não lhe negue, em absoluto, os de financeiro, ideia que não compreendemos bem, a não ser que preparada para propaganda eleitoral, nau em que todos os absurdos embarcam sem pagamento de porte.

Não terá Salazar, efectivamente, na sua carreira político-económica mostrando que percebe muito mais de economia do que supõe o Senhor General Humberto Delgado?

Ou entenderá o Candidato Independente juntamente com o Senhor Engeheiro Cunha Leal—adversários políticos que só as modernas teorias económicas «made in U. S. A.» conseguiram aproximar—que estamos a lidar com dólares e não escudos, para resolução do problema económico português?

Lembramos que Salazar fez de Portugal, país pobre e desunido, uma nação coesa e de próspera económica, apesar da negação formal, perigosamente derrotista para os incautos, com que vem operando a falsa opinião das Oposições.

Pelo passado político do Estado Novo temos verificado que sempre se cumpre, com decoro, a planificação económica, como acaba de acontecer com o Primeiro Plano de Fomento em vias de conclusão.

Para elaborar e executar este Primeiro Plano foi posto à prova o valor dos nossos economistas, à frente dos quais se encontra Salazar. Esta medida de largo alcance económico, que fez erguer bastante o rendimento nacional e, consequentemente, o nível de vida dos portugueses, e até a preparação técnica para novos empreendimentos económicos de vulto, nega os conceitos do Senhor General Humberto Delgado, que nem sequer sabe apreciar afinal, como economista, o valor desta realidade económica executada por Salazar.

E o Segundo Plano de Fomento já anuciado à Nação, para o qual se prevê que o Estado participe com 30 milhões de contos, em seis anos, com a finalidade da fazer investir, durante o mesmo período, só na Metrópole, 68 milhões de contos—quase um milhão de contos por mês, ou seja, quantia aproximada a 30 mil contos por dia—não pesará nada na consciência do Candidato Independente, que cursou economia e, mais ainda, na opinião do Senhor Engenheiro Cunha Leal que sabe, por experiência profissional o que isso representa?

Sinceramente, não compreendemos a titude de tais economistas que apenas se vingam em citar índices, já ultrapassados, de rentabilidade

económica muito superior à que veio dos tempos em que se «portugalizava» a Nação, que tão ardentemente foram anatemizados pelo Senhor General Humberto Delgado, em autênticas catilinárias, como os leitores puderam ver no número anterior deste semanário, em expressões como estas: «Renego e combato, amanhã, de boa vontade, qualquer tendência, qualquer entendimento com os partidos...»

Querem cá outra vez essa cáfila de gatunos?—expressões estas extraídas do seu livro, tristemente célebre, «Da Pulhice do «Homo Sapiens», que o tem feito descer à banalidade de «Homo Vulgaris», sem medo, é certo, mas cujas ideias metem medo àqueles que, conscientemente, ainda encaram como coisa séria os destinos da Pátria.

Garantia alguma nos oferece, em boa verdade, o Candidato Independente; apenas procura, criminosamente, induzir em erro a opinião pública nacional!

Compreenda a Nação que, no dia em que nos falte o prestígio internacional que tão pacientemente tem sido criado à custa de sacrifícios sem conta, ficaremos impossibilitados de prosseguir a planificação económica que tão proveitosamente está em curso e que elevará, sem dúvida, o nível de vida de todos os portugueses.

Poucas nações no mundo puderam criar uma atmosfera de confiança como nós, que tem atraído capitais ao país, sob a forma de invisíveis, que permitem manter a nossa balança de pagamentos equilibrada e têm dado estabilidade, pouco vulgar, às reservas do Banco de Portugal, o que mantém a nossa moeda como uma das mais cubiçadas do mundo.

Na ocasião em que seguindo a política económica actual, conseguirmos vencer o «déficit» da balança comercial, para o que muito concorrerá o segundo Plano de Fomento, ficará assegurada a prosperidade nacional, alicerçada em sólida riqueza económica.

Quererá o Candidato Independente tudo negar, por habilidade política, para que na esperança de vir a assumir o poder, possa valer-se do esforço dos outros e colher louros que não lhe pertenceriam, mas sim ao «obsoleto» Salazar?

Que seja falta de virilidade criar ao País condições como as que apontamos, não cabe em nosso raciocínio, nem por certo no de quantos saibam ver as coisas à luz da verdade!

Se por outro lado, abandonamos o tema da virilidade económica para pormos o da virilidade espiritual, moral e cultural, não julgamos menos injustas as palavras do Candidato Independente, visto que nestes sectores muito se tem

# PATRONATO de Santa Filomena

Feliz, mil vezes feliz, quem conhece e ama Santa Filomena, porque tem uma amiga sincera e amável que nunca lhe há-de faltar.

Santa Filomena é muito poderosa junto de Deus e pode obter-nos todos os favores, grandes ou pequenos, que lhe pedimos.

Ela é tão generosa e pronta em auxiliar as pessoas que a ela recorrem que todos bem depressa a tratam como amiga verdadeira. Parece mesmo estar connosco a nosso lado.

Não há Santa que se manifeste tão claramente como ela. Ouve as orações; despacha os pedidos com rapidez deveras maravilhosa; cura os doentes, alivia as dores, acode aos aflitos, evita as operações.

Estudantes de todas as idades, que têm dificuldades nos seus estudos, rezam-lhe e saem brilhantemente dos exames; rapazes e raparigas que lhe pedem casamentos felizes, alcançaram-nos.

Quantas vezes lhes arranja habitações e empregos melhores. Por isso encontramos ca-

feito para se debelar a triste herança que o Estado Novo recebeu!

Quer-se-á referir à virilidade política?

Entenderá que essa virilidade está realmente na formação dos partidos, mesmo sem inibição para o partido comunista, que pretende criar para só depois lhe conhecer os efeitos, como declarou ao jornalista de «O Diário Ilustrado»?

—«Sabe o senhor quantos comunistas há em Portugal, reais ou latentes? Quantos haverá a menos, se as válvulas de respiração do art. 8.º fossem abertas? Se a bestialidade desaparecesse? Não sabe?»

Pois quando ambos soubermos, então conheceremos o perigo comunista—e falaremos... Acha bem?»

Nós não achamos bem, nem graça alguma à experiência!

Abram-se «as válvulas de respiração» à organização comunista, dê-se direito à greve e o livre direito de associação às sociedades secretas e será restituída à Nação a virilidade que o Senhor General pretende!

E depois de perdido o prestígio internacional, pelo recurso aos tanques militares para manter-se a ordem, se mesmo assim for possível restabelecê-la, —nem planos de fomento, nem nada!!!, porque homens como Salazar não aparecem todos os dias para voltar a fazer «interessantes arrumações das finanças portuguesas».

A escolha do Presidente da Republica é, quanto a nós, neste momento, caso de vida ou de morte e em que está em jogo a virilidade nacional—isso sim!

sas chamadas «Vila Santa Filomena—ou Patronato de Santa Filomena».

As suas estátuas parecem sorrir; as faces mudam de cor; os olhos brilham; responde às vezes com pancadas claras que mostram a sua boa vontade em nos socorrer.

Não é pois de admirar que o nome de Filomena seja ouvido e abençoado em todo o mundo e que esteja na boca de todos.

Escolas sem alunos, noviciados sem noviços, pais e mães que desejam ter filhos, todos rocorrem a ela na sua aflição e todos em seguida proclamam o poder e a bondade da querida Santinha. Abençoadas as famílias onde entra Santa Filomena.

Que benefícios, que bençãos não hão-de receber! As Igrejas onde ela se venera, tornam-se centros de devoção, de milagres e de graças.

Os Papas chamam-lhe a Grande Milagrosa; Cardeais, Bispos, milhares de Sacerdotes atestam o seu poder.

Centenas de milhares de católicos em todos os países, médicos e advogados, professores distintos e humildes operários, cantam as maravilhas da Santa. Ditasas as Meninas que usam o seu nome e que a veneram. Têm nela a melhor das amigas.

E os Sacerdotes que a tornam conhecida e amada, felizes são eles, porque a Santinha cumula-os de graças e bençãos e toma-os por seus predilectos.

É impossível ler a vida da Santa e não a amar, não confiar nela; lê-se como um romance. Santa Filomena é sempre graciosa, humana e afectuosa. Gosta mesmo, dir-se-ia por vezes, de fazer suas partidas, mas são estas outras tantas graças que a todos encantam. Recomendamos a todos o precioso livro da Vida de Santa Filomena, «A Grande Milagrosa».

O Secretário,

# MONOGRAFIA DO CONCELHO

(Continuação da 1.ª página)

## FISCAL

Assenta em terreno bastante acidentado, na vertente de S. Pedro-fins para o Homem que lhe corre a poente e pertencem-lhe também na outra margem, direita, os lugares de S. Bento e de S. Pedro.

O serviço religioso é feito por barco, tomando aspecto curioso e singular a travessia para efeito da visita pascal: reune-se o povo das freguesias vizinhas e acompanha, das respectivas margens, o compasso que segue pelo rio, em várias embarcações para tal efeito devidamente engalanadas, e com banda de música.

É abundante de todos os cereais da região, vinho verde e frutas, especialmente laranja.

Pelo centro corre o ribeiro de Vilonços, que começa na freguesia da Torre e desagua na esquerda do Homem com 2 quil. de curso.

Foi abadia da mitra, por concurso sinodal.

O padroeiro é S. Miguel, Arcanjo; consta que antigamente era S. Mamede.

Compõe-se dos lugares da Igreja, S. Bento, S. Pedro, Pedreira, Monte, Tojal, Vilonços, Couto, Quinteiro, Rio, Bouça, Enxurreira, Aspra, Outeiro, Travenelas, Vila Nova, Pilar, Carriça, Sobrado, Bárrio, Casal, Passos, Pena, Subigreja, e a celebre QUINTA, DA TAPADA, que foi do glorioso poeta clássico—SÁ DE MIRANDA.

Em 1706 tinha 101 fogos; em 1875 andava nos 162 e 550 almas; actualmente vai nos 180, com 850 habitantes.

A igreja matriz, a coroar uma altura que a torna vistosa a distância, foi construída em 1739.

Dotada de acanhadas proporções, recebeu recentemente consideráveis obras de reparação (1954-55) sendo levantada perto de metro e meio a fachada, posto de novo o tecto, com rectangulos de fibrocimento em molduras de castanho e no centro uma tela a representar o padroeiro, S. Miguel.

Altars joaninos, tinham sido pintados anos antes, ficando o doirado primitivo; nessa altura foi adquirido um baldaquino, todo a ouro brunido por generosidade de uma benfeitora.

Ao centro da tribuna, Jesus Crucificado, perfeita escultura, igualmente obtida por piedosa dádiva.

Laterais, à parte do Evangelho, primeiro o do Sagrado Coração de Jesus e do lado oposto o de S. José, estes obliquados no angulo com o arco-cruzeiro foram colocados em 1892.

Seguidamente e metidos em arco na parede, o de N. S.ª do Rosário, rica imagem; de frente, à Epístola, o de N. S.ª de Fátima.

Na sacristia existe outra imagem de N. S.ª do Rosário, muito mais antiga e de grotescas feições.

(Continua no próximo número)

# Bilhetes - Cartas de Angola

XXXVIII

Feliz Pedro Lucas :

O baile das festas de São Pedro, um dos Santos Populares, no convés do Uige, decorreu animadíssimo até altas horas da noite, tendo sido abrilhantado por uma charanga estafada e gemente, que lhe deu vida e infundiu entusiasmos incontidos nos passageiros.

Os rapazes avançaram e as raparigas colocaram o braço nu, roliço e tentador sobre o ombro do janota que primeiro as convidou e... toca a sacacotear, a rodopiar e a voltear em frenesi delirante. Juntam-se os corpos, mistura-se o suor, o coração de ambos bate em unísono e, em breve, já nem sabemos se o respirar ofegante é cansaço ou delírio, pois, atingiu o paroxismo.

Bailaram-se polcas atrevidas, mambos lascivos, valsas ondeantes, tangos amorosos, swings desengonçados, sambas estonteantes, baiões inquietos, fox-trotes endiabrados. Só não foi dançado o famigerado *Rok and Roll*.

A lua cheia, sorrindo escarnicadeira e muito curiosa, como algumas mulheres, veio bisbilhutar o bailado, mas duas nuvens encarquilhadas e escuras, como velhas alcoviteiras, compraziam-se a fazer costas... tendo dado origem a que, por vezes, o luar deixasse

de bater em cheio nos lugares onde havia lábios que se juntavam e sorviam em embriaguez delirante.

O ruído de todo este sapatear diabólico chegou às portas do Céu e e forçou São Pedro a debruçar-se em uma janela lá do fundo. Tendo reparado na sua festa tão profanada, franziu o sobrolho, cofiou as barbas branquinhas e venerandas e bateu aborrecido a referida janela. Não sei o que teria dito ou feito, mas espero que será superior a tudo isto — esquecendo e perdoando — para nos receber um dia na Morada onde reside, sem recentimentos condenáveis.

Mas os acordes que esta orquestra exótica e grosseira bufava não enchiam o espírito de muitos passageiros e, por isso, alguém lembrou substituí-los pela nossa tão tradicional e tão inconfundível música portuguesa, com instrumentos da mesma procedência, o que aconteceu e para o próximo bilhete -carta te darei conta.

Hoje fico-me por aqui, mas não te regateio o amplexo de sempre, que, hoje, pode ser com música.

Boa-Fé, 25 de Maio de 1958.

GONZAGA DA CRUZ

Lede e assina!  
«Tribuna Livre»

## RECORTE

Secção de ODECAM

### SER ORFÃO!

Não ter mãe não ter amada!  
Ai que tristeza tamanha,  
Que dura sorte funesta!  
Nem a urze da montanha,  
E é coisa bem desgraçada,  
Teve sorte igual a esta!

Vir ao mundo e não ter mãe!  
Percorrer o mundo inteiro  
Sem um lábio maternal  
Que nos diga — filho, vem!  
É como ser forasteiro  
Na própria terra natal...

E dizer que havendo Deus,  
Fonte de imensa piedade,  
Há crianças sem berço  
E almas sem caridade!

Ver os líros das campinas  
Todos cheios de alegria,  
E tantas mãos pequeninas  
Sem o pão de cada dia!

Senhor, Senhor! Quando cismo  
Que há muitas almas que nascem  
Sobre o cáirel de um abismo,  
E que basta um sopro apenas  
Das tempestades do mundo  
Para as lançar lá no fundo,  
Se têm fundo essas geenas...  
Ah! Perdoa-me, Senhor!  
Mas por dentro do meu crâneo  
Passa a dúvida sombria,  
Como larva imunda e fria  
Nas trevas de um subterrâneo.

Teu filho, o próprio Jesus,  
Emblema do sofrimento,  
Que morreu pregado à Cruz  
Sem um único lamento,  
Sem um grito, sem um ai,  
— Teu próprio filho, Senhor,  
Teve mãe e teve pai!

Ser orfão! Não ter na vida  
Aquilo que todos têm!  
É como a ave sem ninho...  
É qual semente perdida  
Que, ao voltar do seu eirado,  
O lavrador descuidado  
Deixou tombar no caminho.

E quando vem a tormenta  
Arrancá-la sem piedade,  
A triste não se lamenta!  
Herva da rua... quem passa  
Pode esmagá-la à vontade.

Assim vivêra também  
A criança desditosa  
Que em noite má, tenebrosa,  
Ficara sem pai nem mãe.

Filha da treva e do vício,  
Despontara à luz da vida  
Como pomba dolorida  
Já votada ao sacrifício.

Não lhe bastava o desgosto  
Do seu martírio profundo,  
Do seu tristíssimo fado  
O mundo volta-lhe o rosto  
Porque entre as festas do mundo  
É crime o ser desgraçado...

GUERRA JUNQUEIRO

## MERCEARIA E VINHOS

Passa-se em Braga por motivo de retirada urgente — aceitam-se ofertas

Informa esta Redacção ou o Telef. 3673

Folhetim da Tribuna Livre., 72

# SEMPRE NOIVOS

Por Porfírio da Sousa

(Recordações do Minho — Usos e costumes)

O Francelino vendo que a Augusta não correspondia aos seus anseios, logo que terminaram de sachar a «leira» foi, desolado e cabisbaixo, principiar outra sôzinho.

As raparigas, adivinhando o que se passara, não perderam o ensejo para se rirem à custa do desiludido.

— Oh! Francelino, quer que eu seja seu par? — perguntou-lhe, com riso sarcástico, a Delfina das Bouças.

— Se você não quiser a Delfina, vou eu, mas com a condição de me não pedir namoro, a não ser que ponha as costas no seguro, pois o Joaquim da Grova não é para brincadeira com coisas sérias — arriscou, com ar trocista, a Ana da Salvadoiro.

Todos se riram do oferecimento da engraçada rapariga.

— Eu quero que vocês tenham muitos... pintainhos! respondeu-lhes o Francelino um tanto ou quanto abespinhado.

Nova e sonora gargalhada aturdiu os ares.

Terminada a sachada regressaram a casa da quinta do Vale para a ceia; enquanto o repasto não era servido, o António da igreja, que estava nos seis dias felizes desafiou a Maria Alice e os dois adversários, em rápidos improvisos, deliciaram a assistência que os ovacionou delirantemente.

A ceia foi servida, como sempre, numa atmosfera de alegria e de boa camaradagem.

— Oh! Altino! você escondeu a cobra?!

Parece-me que a cozeram no caldo! — perguntou a Azougada Maria Alice.

— Cale-se lá com isso, com um milhão de diabos!

Deixe-me comer, pelo menos sosegado — respondeu o Altino, desabridamente.

— Você admira-se, Altino?!...

— Irra, que você é de calibre!

Eu não casava consigo nem que fosse a proprietária de toda a freguesia de Goães!

— Oh! homem! você, assim, a excluir as cachopas, fica para tio...

— Antes solteiro do que aturar uma mulher como você!

— Arruma-lhe dessas, Altino! — apoiou a divertida Angelina, da Cunha.

— Que pena eu não ser homem e você mulher... — continuou a Maria Alice.

— Para quê?...

— Para a pedir em casamento...

— Livra! o senhor me defendesse de uma camada de sarna que de você me defenderia eu!

— Eu ainda seria pior do que a sarna?!

— Você havia de ser pior do que todos os diabos que existem no inferno!

— Figas! Abrenúncio! T'arrenego!!!

Uma calorosa salva de palmas coroou o diálogo entre o Altino e a Maria Alice.

Terminada a ceia continuou o arraial, onde se cantou e dançou, até às duas horas da madrugada.

Com o «cantar» dos galos acabou a festa da arrancada do linho da quinta do Vale e como despedida a Maria Teresa mandou servir a todos os camponeses e camponesas uma malga de quente e odoroso cacau.

De sacholas às costas, homens e mulheres, regressaram às suas respectivas casas a fim de dormirem umas escassas horas, pois de manhã cedo tinham de seguir para a arrancada do tio Policarpo do Outeiro.

Os camponeses e camponesas do Minho transformam, assim, os trabalhos do campo em inconfundíveis e características festas, onde há alegria, cor e dinamismo!

\* \* \*

Entrara-se no período efectivo e fecundo das lavouras que tantos encantos encerram.

(CONTINUA)

# ENTRE-HOMEM E CÁVADO

(Continuação da 1.ª página)

punha em comunicação com a verdadeira capital do mundo antigo.

Reconhecendo as privilegiadas condições deste maravilhoso rincão, os Romanos, submetidos os Brácaros, por aqui romperam com uma rede de pontes e estradas, que de modo singular a subordinaram a toda a casta de influências e da acção civilizadora do velho imperialismo.

Ao longo dela logo se assentaram as cidadelas e as populações castrejas, em tão profusa quantidade como não será fácil encontrar em qualquer outra parte, dados os frequentes vestígios que a cada passo se vão topando, fora os que o peso dos séculos apagou de todo.

Escusado seria dizer que sob esses destroços, confundidos com eles pela pujança da natureza sempre revivesciente, existem pelo cimo dos verdes outeiros e das colinas os últimos despojos mortais de longínquas gerações, disseminados por cemitérios e necrópoles da pré-história, indistintos entre matagais ou vergeis floridos e campos cultivados; e das cinzas da remota humanidade e de uma língua moria, evoluindo sempre, renasceram populações activas portadoras do ideoma da lusa raça.

É sobre este passado longínquo, que não morreu de todo, pelas alturas onde eram mais nítidos certos vestígios, a piedade cristã fez assinalar o testemunho da sua enoção e lá emergem por entre frouxeis de arboreito ou à flor do tojo as ermidi-dinhas brancas...

Rasgou-se de alto a baixo o véu do templo e, no plano da Redenção, estabeleceu-se a grande meta que distingue e separa da antiguidade pagã os acontecimentos que serviram de infra-estrutura à organização das sociedades futuras, quando os primeiros clarões do Cristianismo latente inundaram estes montes e os ídolos dos deuses foram relegados

às trevas do tempo que só a arqueologia teima em sondar.

Entrelanto marcaram por aqui a sua passagem e presença novos invasores e aguerridos conquistadores e contra eles cada vez mais se intensificou e consolidou a unidade e o amor da solidão e da independência nestes povos de Entre-Homem e Cávado, ansiosos de explorarem em paz a cobiçada fertilidade dos seus montes e dos campos, que foi e é desde sempre a única fonte de recursos, como garantia da sua existência.

Cansados de suportar as agitações das gentes, demuiuado o centro de suas flutuações constantes, encontraram afinal o suspirado momento de voltar ao seu ambiente de isolamento.

Umás após outras as gerações e as ondas invasoras tinham construído e desmantelado, transmitindo-se por herança, edificações e ruínas; mas custou muito suor e sangue o legado de nossos maiores, que constitui os valores do presente.

Sob o pavimento de capelas e igrejas, das lages de claustros a desabar, retalhos, camadas da humanidade desfeita—Pulvis es—passa sobre elas; a tornar à posteridade a vida cada vez mais sedutora e bela, tudo o que os olhos ainda veem à luz criadora do Sol que se levanta, anos e séculos consecutivos, no mesmo ponto e logo envolve estas terras abençoadas, erguidas mais perto do céu, mal desponta no plano do horizonte até que de todo se esconde à distância, nas campinas do mar...

É, em breve síntese, o trabalho que a monografia empreendeu e representa, de estudar e inventariar o avultadíssimo espólio de valores morais e materiais, que por herança nos vieram às mãos, qualificando personagens e endereçando-lhes um momento de sentida gratidão.

## Festas de São Pedro de Rates

### Besteiros—Amares

No dia próprio, na Igreja paroquial de Besteiros—onde está canonicamente erecta há mais de 100 anos a confraria de S. Pedro de Rates—realizou com a máxima solenidade possível a festa deste glorioso Santo.

No sábado de manhã, dia 26 de Abril, festa litúrgica, houve missa da Confraria, acompanhada a cânticos, durante o dia confissões que foram numerosas, sobretudo de crianças, e à tarde solene Hora Santa.

No Domingo realizou-se a missa solene cantada às 9 horas pelo grupo coral da paróquia que se houve admiravelmente, sendo a organista oficial a Senhora D. Rosa Maria Veloso Ribeiro e o célebre violinista da terra Sr. Afonso Abrantes da Mota. Ao meio da missa foi a comunhão geral, sobretudo de muitos meninos e meninas da 1.ª comunhão, a quem o Rev. mo pároco dirigiu uma comvente alocução, vendo-se lágrimas em muitos olhos. De tarde, após a reza do Terço, realizou-se o Sermão feito pelo Rev. Pe. Albino Salvador—de Minhotães—Barcelos, que a todos e mais uma vez agradeceu plenamente. Houve, a seguir, uma triunfante procissão com os andores de S. Pedro de Rates e Santa Úrsula, belamente ornamentados com flores naturais, muitas bandeiras e associações infantis e juvenis e sobretudo a Magestosa Irmandade de S. Pedro de Rates—de irmãos leigos, com as suas belas 30 copas de sede, bandeira nova, lanternas, Cruz, círios e demais insignias da nova Irmandade que se orgulha de aparecer decentemente em qualquer parte.

São por isso dignos dos maiores elogios e parabéns os seguintes irmãos leigos que, com plena autorização do Senhor Arcebispo Primaz, permitindo a modificação do Artigo 4.º dos Estatutos, formaram e completaram esta Confraria. São pois, considerados

## Momento político

(Continuação da 1.ª página)

«Quem queira ser fiel à verdade há-de convir que Portugal lucrará e muito, elegendo o ilustre marinheiro que é, o Sr. Contra-Almirante Américo Tomás, um dos vultos mais destacados do actual panorama humano da pátria lusitana. Portugal, um País de imortais tradições marítimas, vai ter na chefia do Estado, uma das mais prestigiosas figuras da nossa Armada!»

### UM GRANDE CANDIDATO!

A presença do Sr. Contra-Almirante Américo Tomás na chefia do Estado é a garantia da continuidade da política do Sr. Prof. Dr. Oliveira Salazar.

O eleitorado português vai ser chamado a escolher o novo Presidente da República.

Votar é o dever. O direito de voto tem de ser exercido com firmeza e dentro da boa-fé.

Neste momento delicado da vida nacional, torna-se necessário que «o bom senso» subsista ao vendaval das paixões desencadeadas pelos candidatos da oposição.

os irmãos leigos fundadores, os seguintes:

Domingos Delfim de Sousa; João da Silva; Domingos de Macedo; António de Macedo; Manuel de Macedo; Manuel Joaquim de Carvalho; José Maria de Carvalho; Manuel de Carvalho; Custódio José Brandão; Domingos Ferreira; António José Soares; Domingos José Gomes; Hilário Rodrigues da Silva; Delfim Teixeira; Augusto Veloso; António José da Silva; Virgílio Gonçalves; José Maria Pinheiro; José Maria Gomes Veloso; António de Macedo (Lugar do Monte)—sendo a Mesa laical assim constituída:

Juíz—Carolino Alberto dos Reis, Secretário—Afonso Abrantes da Mota, Tesoureiro, José Maria Gonçalves—Vogais: Joaquim Gonçalves, Adelino Faria e José Joaquim de Sousa.

C.

Luis Sebastião Peres

A hora que vivemos é de luta pela integridade da Pátria e pela unidade da Nação. Luta de Fé e de entusiasmo pela continuidade da obra de Resgate Nacional operada por Salazar e pelos Governos da Revolução Nacional.

O inimigo espreita-nos. Não esqueçamos a guerra civil de Espanha! Mesmo agora, tenhamos em vista o panorama político que nos oferece a grande nação francesa! A França reclama um Governo de autoridade, um Governo nacional, para impedir uma guerra-civil! Lembrai-vos de Praga!

É ante prespectivas desta natureza que se torna necessário a união de todos os portugueses de boa vontade, dispostos a promover a reconstrução nacional em marcha.

É para que este clima de Paz e de Ordem subsista e se revigore que defendemos a candidatura do sr. Contra-Almirante Américo Tomás.

O candidato da União Nacional, quando Ministro da Marinha, realizou obra notável. Estudante distintíssimo e, depois, marinheiro competente e brioso, deu forte impulso à marinha mercante e à frota pesqueira, que é hoje motivo de orgulho da gente do mar e afirmação da extraordinária capacidade realizadora do governante que as engrandeceu. Homem Bom, de consciência recta, de vida simples e modesta, dá, pela sua sólida formação nacionalista, a plena garantia de ser o supremo guardião dos princípios assentes na Constituição, será também, pelo seu trato, lhano e afável, o chefe querido e respeitado de toda a família portuguesa.

Temos de VOTAR BEM e votar bem é: VOTAR NO CONTRA — ALMIRANTE AMÉRICO TOMÁS—o GRANDE CANDIDATO! O CANDIDATO DA NAÇÃO!

## CONDIÇÕES de assinatura

(pagamento adiantado)

Continente e Ilhas

Semestre . . . 25\$00  
Ano . . . . . 50\$00

Ultramar e Brasil

(Por avião)

Semestre . . . 91\$00  
Ano . . . . . 182\$00

(Via marítima)

Semestre . . . 40\$00  
Ano . . . . . 80\$00

Estrangeiro

(Por avião)

Semestre . . . 115\$00  
Ano . . . . . 230\$00

(Via marítima)

Semestre . . . 60\$00  
Ano . . . . . 120\$00

## LISTA DE NOVOS ASSINANTES

Prosseguindo na campanha de valorização do nosso Semanário, vamos enviar aos actuais assinantes listas para indicação de pessoas que tenham possibilidade de vir a ser futuros assinantes.

Muito se agradece o preenchimento e devolução dessas listas, de grande valor para a expansão deste mensageiro do Concelho de Amares, que muito honra a terra e que só com o auxílio de todos poderá perdurar e engrandecer-se.

Mas pede-se, sobretudo, a máxima diligência no pagamento das assinaturas que, como é prática em todos os jornais, se faz adiantadamente.



RELOJOARIA

MAURÍCIO

QUEIROZ

CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género

Completo sortido de relógios das melhores marcas.

R. D. Frei Caetano Brandão Telefone 2526 BRAGA